"O canto do sol": narrativas da desruralização brasileira, 1939-1976

Uma visita à cidade baiana de Capela do Alto Alegre, sertão da Bahia. Com um relance de olhar é possível ver vários antigos armazéns fechados, placas de "vende-se" velhas e pendidas fornecem a imagem de um tempo que houve e que não se realiza mais no presente. Aos sábados, na concorrida feira-livre, não é raro encontrar com algum homem de braço amputado, "cotó', como dizem as pessoas daquela localidade. Gentes cortadas e velhas casas de comércio fechadas falam de uma ausência, são quase como um canto de incelença de uma forma de exploração da terra que se estendeu por parcela generosa do Nordeste baiano: o plantio de sisal e as formas de beneficiamento usadas para a exportação do produto.

Nem sempre fora assim. Deslocando-me do presente, do olhar angustiado que "só vê portas fechadas" e "homens partidos", encontro um "Relatório", peça burocrática com a qual o então prefeito de Feira de Santana, Heráclito Dias de Carvalho, prestava contas do exercício de 1939 ao interventor federal da Bahia, Landulpho Alves de Almeida. A despeito de falar de obras urbanas, e urbanizadoras, a peça teve uma parcela generosa dedicada a falar de atividades agrícolas, na sua página 12, inclusive, fala da desapropriação de 10 mil tarefas (cerca de 2,5 hectares) de terras para uma experiência de "colonisação" (sic.). Na mesma página o prefeito registrou a preparação de um campo para o plantio de um milhão de mudas de sisal. Para mostrar o pau que matou a cobra, o alcaide, ao final do livreto, colou duas fotografias do campo já plantado e as orgulhosas espátulas do sisal exibindo-se para um tempo do futuro, aproveitando a deixa concluiu: "Essa fibra que o governo de V. Excia. Vem de incentivar o cultivo entre nós, há de ser no Estado um fator preponderante de progresso"[1].

A imagem, que falava por muitas palavras, as palavras, que falavam por muitas imagens e as espátulas firmes apontadas para o céu, eram como metáforas de um projeto mais amplo, um esforço de transformar a economia rural brasileira "modernizando-a" e beneficiando-a como aquilo que a tecnologia possuía de melhor e anexando-a à lógica industrial vinda das cidades.

[1] CARVALHO, Heráclito Dias. *Relatório da Prefeitura Municipal de Feira de Santan*a. Feira de Santana: Silva e irmãos, 1939, p.12.